

# Tranqüila senhora das águas

**M**aria Bethânia já foi devastadoramente a senhora absoluta dos raios e trovões canônicos. Tempestades de outros tempos, dos quais conserva o domínio do ritmo e do palco. Atualmente traz a mansidão forte das águas correntes, seguem do Subúrbio do Tejo. E o tempo antecem na estréia do seu show Maria, em Salvador, soube homenageá-la com uma chuva intermitente que caiu desde a tarde sobre a cidade. Afinal de contas, dois anos depois do espetáculo comemorativo dos 20 anos de carreira, sua filha (que foi a luta pela não-ruína do estado) de estilo mais imutável estava de volta ao Teatro Castro Alves. Precisão e segurança do caminho.

Com cerca de 70% de sua lotação esgotada, o TCA viveu uma noite de amor maduro por uma artista. Nada de arroubos explosivos de início de pávao, algo tão comum do público baiano, que quase sempre não entende que o show se passa no palco e não na plateia. Dessa vez, ninguém inventou de cantar em coro com Bethânia, algo que ela realmente não gosta. Tudo estava perfeito com o público, formado em sua maioria por pessoas na faixa etária entre 30 e 35 anos, comportado e sem exageros, muito embora o estilo me enganava que eu gosto estivesse em noite de gala. Então, lá combinado.

Apagam-se as luzes e as vozes de Bethânia e Milton ecoam pelo teatro. Canções e momentos de dois artistas que têm em comum estilos dramáticos e peculiares, tal como João Gilberto e Roberto Carlos, por exemplo. A banda formada por José Maria Rocha, piano, Jaime Alem, guitarra (diretor musical do show), Moacyr Albuquerque, baixo; Emanuel Moreno, bateria; Raul Mascarenhas, soprano; e Monica Milari e Altamiro Rosas, na percussão, emite os sinais de *Ora*, um canto para Olorum, e Bethânia entra em cena para aproximadamente uma hora e meia de repertório completo sobre seus súditos. Não há textos, mas sim um espetáculo já explícito e revelado pela força de suas músicas, interpretadas por uma artista que, madura, soube dosar toda uma presença cênica e dramática, para mostrar não mais o desespero dos gestos, mas, agora, a calma de quem conhece suas emoções. E elas não são poucas, porque Bethânia é, também, uma atriz. De preferência, de dramas franceses. A iluminação adequação de Bito Ferreira tem a correção exata para a disposição dos instrumentos no palco, como a inevitável rampa, onde o artista corre de pés descalços. Prossegue com *Gila*, de Raul Seixas, passando por *Samba do Grande Amor* e *Rosa dos Ventos*, de Chico Buarque (de quem, tal como Aécio, Valença e Caetano, Bethânia é a melhor intérprete), *Nem Eu e Não Tem Solução*, de Dorival Caymmi, até chegar ao primeiro grande êxtase da noite, com *Primavera*, de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra. Não há dúvida: ela está cantando muito melhor. Não existe mais a desfiguração vocal pelas emoções exageradas, mas modulações raras da paz após o amor. Um timbre certo para o seu carisma, embaldado por arranjos acústicos e despojados.

Os amores que dão matérias para

as páginas policiais e os cadernos de cultura dos jornais são evocados por *Provido*, *Eu Sou a Outra* e *Ronda* (Luiz Bandeira, Ricardo Galeno e Vanzolini, respectivamente), num *revival* que a artista adora, só que com novos arranjos. E um desses arranjos que salva a versão estúpida de Rita Lee para o clássico *Blue Moon*, de Richards Rodgers e Lorenz Hart. Sentada sob uma iluminação que realça seu vestido *ripado*, Bethânia e pura candura. O samba *Mulheres do Brasil*, de Joyce, e *Quereres* (cantada dramaticamente com a letra na mão), chocaram a primeira parte do espetáculo. Enquanto ela toma de roupa no camarim, a banda dorme na *Suite Pascoal*, do mestre Hermito.

Momento oportuno para pensar no que e para mim revela 10 anos depois do show com Caetano (resultou num disco apenas regular), no Teatro Guairá, em Curitiba, onde não se se por sorte ou acaso, vivi alguns meses. Bethânia já não tem 31 anos e tampouco eu sou um adolescente, mas, passada minha aversão à sua fase de boletos, sinto-me bem pela sua presença tão dona de si. Agora, sim, ela poderia voltar cantando — *Minha mãe, meu pai, meu povo, eis aqui tudo de novo* — mas Bethânia ataca e de *Vamo Come*, de Tony Costa e Caetano, para logo em seguida mostrar mais uma vez seu amor pelo afro-baiano, que vem do longe, muito antes de bandas baianas abaixo do mediocre venderem tigrão pelo País. A percussão brilha em *A Terra Tremeu*, *Solução de Bahia*, *Depois que o Iê Passar*, *Eu e Água*. Ao passar por *Sacramento*, Caymmi, Milari e Caetano — velhos e novos baianos — Bethânia consegue o segundo e melhor momento de Maria, um show que, pela sua própria concepção, não busca a novidade, mas a continuação de que o seu estilo continua insuperável e atual dentro da velha Música Popular Brasileira. O apelo romântico segue com



**Poema dos Olhos da Amada** (de Vinícius de Moraes, que no disco ganhou o dueto chique de Jeanne Moreau), a medonha *Grito de Aíria* (o prazer de dizer o nome do autor?), a primorosa *Nã Primeira Manhã*, de Aécio, e *The Best, Ciume e Tá Combinado*, do mano. O ode amoroso-nordestino *Ciume* é interpretado com um acompanhamento em *play-back*, no mesmo arranjo do disco. Qual o motivo? O show já está no fim, mas ainda há tempo para *Explode Coração*, *Noite de Cristal* e



**Bandeira Branca**. Homenagens diversas das quais o público só desperta quando ela retira-se correndo do palco, ao qual volta por duas vezes antes de atacar o

bis tradicional, com mais um velho hino otimista de Gonzaguinha. *Se eu que a vida devia ser bem melhor e será Mas isso não impede que eu repita E bonita e*

*bonita, e bonita*. Isso é horrível mas bonito mesmo. Bethânia, e saber que artistas como você (e são tão raros no momento) e que ainda redimem a lá tradicional da

MPB com a voz de muitas águas, entre as quais as de beleza e competência.

Textos: Hagamenon Brito

# Paralamas numa praça da Bahia

**S**erá que vai chover? Eu não sei não (e também não quero saber se São Pedro ainda está com essa bola toda no céu), mas hoje, às 18 horas, na

Concha Acústica do Teatro Castro Alves, encontraremos a solução para a mente, braços, quadris e pernas da Bahia, com o show do *Paralamas do Sucesso* — a me-

lhor tradução da música afro-baiana-caribenha-pop feita no Brasil ou em *Bora-Bora*, tanto faz. Do fundo do coração.

**Remake** O tempo, senhor de todos os ritmos e, provavelmente, um negro, tem ajudado bastante Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone — guitarra e voz, baixo e bateria aliadamente. A história deles contunde-se com as linhas da própria consolidação do rock brasileiro pós-Blitz. Do Rio de Janeiro a Londres, onde mixaram *Bora-Bora* e preparam a gravação de uma coletânea em inglês, a banda sempre fez jus ao nome de apelo irresistível, para não falar no sangue na veia. Aos engraxadinhos, que só enxergavam influências do Police no início, a constatação, que queriam ou não, de um crescimento musical registrado em cinco elipses (sendo que um, *D*, e ao vivo), que já atingiu algumas pistas de dança do mundo: *Teu olhar aquém me esperta em algum canto do planeta*.

alerrissou levado pelo *hit Vital e Sua Moto* (uma homenagem ao primeiro baterista da banda), a maioria da crítica aplaudiu o single *ska da galera*. Nesse ano, eles excursionaram pelo País, abrindo os shows de Cliff e ganhando uma experiência que os marcaram daí em diante. Cada vez mais aproximavam-se do *reggae* e iam fundir nas bandas jamaicanas. O estilo aperfeiçoava-se aos poucos. Com o lançamento do *Passo do Lui* (1984), o Paralamas conheceu o estouro nacional, cuja centelha inicial partiu da histórica apresentação no *Rock in Rio*, em janeiro de 1985, quando a música bem-sucedida de *Quêz* transformou o Verão brasileiro. O que já se esboçava antes, tornou-se real a banda era negão, para desagrado de uns poucos desinformados e preconceituosos, preocupados mais com visuais produzidos do que com a sinceridade de um trabalho. O tempo provou o caminho certo de Herbert, Bi e João: o futuro já está presente e sua cor era negra.

Em 1986-1987, o Paralamas colheita mais aplausos pela ousadia rítmica e o peso de *Selvagem*, um mega-sucesso que vendeu mais de 650 mil cópias e fez Herbert correr nu pelo estacionamento da EMI-Odeon, no Rio de Janeiro, para pagar uma aposta na qual ele não acreditou que o elepe venderia tanto. Dançou, só que pagou a aposta de madrugada. Bem esportivo. Em *Selvagem*, a banda desceu fundo no *reggae*, com um belo discurso político e a comprovação de que num palco e praticamente insuperável no Brasil, encontrando paralelos somente na fase recente do Titas. Baixo, guitarra e bateria *crue*, muito acima da média dos músicos do rock nacional, acompanhados por um *feeling* estilo missil do cruzador Vinícius Cruzaram primeiro as fronteiras da América do Sul e depois várias da Europa, onde se apresentaram no Festival de Montreux do ano passado, resultando no disco ao vivo já contando com a participação de João Fera nos teclados.



das, incluindo as ruas e quadras de blocos de Salvador a banda marcava um novo tenor (quem disse que o jogo ia acabar? X 17) ao misturar brilhantemente todas as suas influências e criar *Bora-Bora*, o disco que está lançando no momento na Bahia. Unidade e competência *dancante-afetiva*, com inclusão de metais (no show tem Matos, trombone, Demétrius, trompete e Paulo, saxofone), e uma viagem inspirada no cinema. *Eu quero ver no escuro do cinema. Onde está tudo que você quer? Pra me transformar no que te agrada. No que me faça ver. Quais são as cores e as coisas? Pra te prender.* E isso aí grandes brothers.



John, Herbert e Bi nas águas do sucesso. Quando Cinema Mudo (1983)